

## COMO SE NARROU A REVOLUÇÃO FARROUPILHA: A ESCRITA DA HISTÓRIA FARRAPA

FABRÍCIO ANTÔNIO ANTUNES SOARES<sup>1</sup>

### 1. Introdução.

A narrativa estabelece o ser. Esta é a tese de *Tempo e Narrativa* (RICOEUR, 1995, Vol.I:13-92). Na união, pela cópula, em uma frase, de um sujeito e um predicado algo é afirmado sobre o sujeito da frase. O historiador quando escreve diz o que *é* do passado, o ser do passado. A narrativa relata a vida de personagens em uma intriga em que faz convergir à divergência. Os fatos esparsos adquirem sentido na intriga da narrativa, um sentido é estabelecido para os fenômenos que aparecem dispersos na linguagem.

O texto, o mundo do texto que a narrativa cria, é o lugar por excelência do sentido do passado. Um fato acontece, e narrativas sobre este fato vão sendo criadas, ao passar do tempo, para dar sentido e controlar o excesso de significação possível sobre este acontecimento passado. Textos, tanto literários ou historiográficos, são escritos para dar conta do passado e reapresentá-los novamente no presente. O historiador e o literato, ao criarem narrativas sobre o passado estão na primeira linha em algumas grandes construções do passado porque produzem narrativas socialmente autorizadas do passado.

A historiografia e a literatura fazem circular representações, argumentações, um repertório de signos e formas que, através da leitura dos textos historiográficos, são incorporados na cultura. Assim, não se trata somente de narrativas historiográficas e literárias que se defrontam, onde cada uma busca fazer prevalecer a sua anterioridade, sua legitimidade, seus valores, mas trata-se, também, de narrativas e argumentações que mobilizam frequentemente as mesmas fontes a fins contrários, que se negam, e revisam uma à outra.

### 2. Historiografia e narrativa.

---

<sup>1</sup> PUC-RS, Doutorando em História, CNPq

A narrativa, segundo Hartog (2011:173-184), ultimamente se tornou um problema historiográfico. Ele pondera que houve uma rejeição da narrativa, ou um eclipse da narrativa. Sugere com isso, por um lado, uma controvérsia estabelecida contra a história positivista então predominante e, por outro lado, que se queria romper com a história-narrativa. Mas nessa expressão desvalorizante, em qualquer período, a narrativa enquanto tal não foi problematizada.

A história-narrativa é somente a que se põe em primeiro plano os indivíduos e os acontecimentos. Seu questionamento se realizou embaixo da influência das jovens ciências sociais, para quem o objeto da ciência não é mais o indivíduo, mas os grupos sociais, não mais a sequência dos acontecimentos em sua superficialidade, mas o fato social total. Assim, a história proclamou que, repudiando o indivíduo, abandona-se com isso a narrativa.

Para o historiador francês não é suficiente, pois, recusar o acontecimento e o indivíduo para escapar a narrativa e, contrariamente, não é suficiente invocar o regressar do acontecimento e do indivíduo para concluir pelo retorno da narrativa. Viu-se, por conseguinte, a história moderna praticamente abdicar a narrativa, sem nunca colocar a questão da narrativa enquanto tal.

Para Hartog é atual o questionamento da narrativa e isso foi plausível pelo abandono da história-*geschichte*, e a reintrodução do historiador na história, mas também, a partir da função preponderante ocupada pela linguística nos anos 1960, as interrogações voltadas para o signo e a representação. Também a história pode ser tratada como um texto.

Após os anos de 1970 a perspectiva narrativista inicia-se com reinscrição da textualidade na agenda teórica dos historiadores (CEZAR, 1998: 163-177). Nas últimas três décadas proliferaram debates em que a pauta principal expressava uma “virada” linguística nos estudos históricos, indicada por um suposto retorno à literatura e à narratividade que estariam presentes em algumas importantes produções da historiografia contemporânea.

O ressurgimento da narratividade, então, desencadeou-se como uma resposta à historiografia estrutural que, em nome da ciência, proferiu o anátema contra aqueles que mantivessem suas escritas sujeitas às injunções literárias. O retorno à narração significou também a recuperação do ato de contar um relato na circunscrição acadêmica. Recupera-se o

rastro de uma tradição, a de narrar a história, mas remodelada, adaptada às circunstâncias atuais e ativas presentes no campo histórico.

Com efeito, o que ocorre de fato não é um afastamento da teoria, mas um deslocamento do seu foco para a escritura; o teórico da história opta por estudar como ele próprio materializa, decodifica, dispõe a pesquisa, pois, narração significa também algo que retroage sobre a investigação, define um sistema de inteligibilidade histórica.

A análise da escrita da história abriu espaço para redimensionar e teorizar o próprio estilo do historiador, não como um ornamento, mas antes como uma forma que constitui certo conteúdo. Em outras palavras, o conteúdo do discurso histórico é indistinguível de sua forma discursiva. Poder-se-ia afirmar, que o debate entre história estrutural e a história narrativa é uma manifestação de utilização desses recursos estratégicos. Dizer que é necessário optar por uma ou outra, é deixar de perceber a especificidade do discurso histórico: apenas uma narrativa verídica.

Contudo, já que o projeto inclui tanto narrativas historiográficas quanto literárias, como diferenciar a narrativa histórica da ficcional? Ricouer (1995, vol.3:173-216;315-334) História e ficção têm atitudes diferentes diante da temporalidade, mas realizam o mesmo fim: dar forma e sentido à experiência vivida. Elas realizam esse mesmo fim em sua diferença e, assim, tornam-se complementares. A narrativa histórica, mesmo sendo uma reconstrução interpretativa do passado, não se fecha em si mesma, procurando dados exteriores, objetivos, para se sustentar.

O historiador cria um terceiro tempo, o “tempo histórico”, que faz a mediação entre o tempo cósmico e o tempo da experiência vivida, passando a possuir características de um e de outro. Outra característica da narrativa histórica a opõe à ficcional: ela quer conhecer os homens do passado através de vestígios. As intrigas variam, mas as datas, os documentos, os personagens, os eventos, os locais, são os mesmo.

Quanto à narrativa ficcional, ela não está obrigada às datas do tempo calendário, à sucessão de gerações, ao local e vestígios. O ficcionista envia a memória aos braços da imaginação, que sem receio, se entrelaçam e se confundem. A ficção não desce ao tempo histórico. Os conectores históricos são transformados pela imaginação. A contribuição maior

da ficção é explorar as características não lineares da experiência vivida, que a história oculta ao inscrevê-la no tempo cósmico. O tempo fenomenológico predomina sobre o tempo cósmico, liberta-se do tempo calendário, ignora o curso temporal unificado. A ficção torna-se um tempo hermético, explorando as discordâncias, as experiências limites, abolindo as fronteiras entre mito e história.

Entretanto, heterogêneas e opostas, as narrativas histórica e ficcional também se entrecruzam, sem se confundir. É na refiguração que a história e a literatura oferecem uma réplica à aporética do tempo. Na refiguração do tempo, história e ficção não se opõem mais radicalmente, cruzam-se. Cada um desses modos narrativos se faz empréstimos: a história incorpora fontes de ficcionalização, a ficção só transforma o agir e sentir se incorpora fontes de historização.

### 3. Intrigas sobre a Revolução Farroupilha.

Nas narrativas sobre a Revolução Farroupilha, tanto na historiografia quanto na literatura os autores transformaram ao longo do tempo o significado da Revolução Farroupilha, isto é, o que pode ser dito dela. No século XIX as narrativas foram diversas como seriam um século depois. Caldre e Fião (1992)(1979) primeiro literário da Revolução Farroupilha tanto em *A divina pastora* como em *Corsário* mostra a violência e iniquidade dos farrapos e compara Garibaldi a um reles pirata. Alexandre Dumas (2000), alguns anos depois apresenta os farrapos e Garibaldi como heróis, aqueles como grandes cavaleiros e guerreiros e Garibaldi como herói de dois mundos.<sup>2</sup>

A historiografia do século XIX também apresenta a mesma contradição narrativa. Tristão de Alencar Araripe (1986), que foi presidente da província, com farta documentação legalista e defendendo a monarquia, ataca a ideia de república contida nos farroupilhas afirmando a influência platina na proclamação de Netto, além de classificar seus líderes de caudilhos e Bento Gonçalves de arbitrário quando no poder. Oposto a estas afirmações Ramiro Barcellos (1987), político republicano, enalteceu o movimento farrapo, pois este lutaria contra o

---

<sup>2</sup> Sobre a literatura gaúcha no século XIX ver: GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De Rio-Grandense a gaúcho – O trinfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Ed. Associados, 2009.

despotismo central, afirmando que os farroupilhas queriam uma confederação com o Brasil, sua obra, também serviu de propaganda aos republicanos. Assis Brasil (1981), no último quartel do século XIX, exalta os chefes farroupilhas, afirmando que havia o desejo de federação, sem a separação do Império.<sup>3</sup>

Verifica-se nestas narrativas do século XIX que a Revolução farroupilha assume várias gramáticas conforme o autor. A sintaxe das palavras constrói o personagem “Revolução Farroupilha” de acordo com o lugar social e a posição teórica que ocupam os narradores. Na literatura, de personagens miseráveis em Caldre e Fião assumem em Dumas, os farrapos, as características heroicas. Os mesmos personagens assumem características diferentes, em cada narrativa, e expressam significados diferentes na possibilidade de ação histórica. Quem será Garibaldi, reles pirata ou herói de dois mundos?

A historiografia não deixa de ter as mesmas variações que a literatura, Araripe mostra o quando os chefes farroupilhas eram separatistas e influenciados pelos caudilhos do Prata. Barcellos e Assis Brasil enaltecem as façanhas farrapas, justificam suas ações pela opressão do poder central. Para o primeiro, os farrapos queriam a confederação, para o segundo, a federação. Vários predicados para o mesmo sujeito em cada narrativa. Seguindo os rastros dessas narrativas a possibilidade do que é a Revolução Farroupilha numa gramática estável não é possível. Uma história das narrativas mostra as inúmeras possibilidades de dizer o *ser* da “Revolução Farroupilha”.

Literatura e historiografia criam um passado com inúmeras possibilidades de ser compreendido conforme a gramática das mudanças que o autor constrói na narrativa.

Partindo das considerações de Ricoeur, percebe-se como as narrativas, historiográficas e literárias, sobre a Revolução Farroupilha no século XX, como no século XIX, apresentam variações importantes sobre a significação deste fenômeno. A historiografia da primeira metade do século XX denominada pelo que Gutfriend (1998) chamou de matriz platina e lusitana, apesar de suas diferenças, sempre teve um tom glorificador dos farrapos. Varela igualava os farrapos aos titãs da Grécia antiga. Ferreira Filho afirmava que Bento Gonçalves,

---

<sup>3</sup> Sobre a historiografia brasileira do século XIX ver: CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

“brilhou como o sol entre as luminárias de uma época em que o Rio Grande se destacou pela superioridade moral de seus filhos” (FERREIRA FILHO, 1965: 149). Esta historiografia se notabilizou pela comemoração dos farrapos e construiu sua representação em cima das “glórias” do decênio heroico (PESAVENTO, 1980) Já a literatura do final da década de 1940 e do terceiro quartel do século XX, fez uma narrativa diferente, não de glorificação ou de heroificação dos farrapos, mas de mostrar justamente outra visão dos farrapos, que a historiografia não narrava.

A literatura neste sentido mostrou outra possibilidade de interpretação narrativa dos farrapos. Érico Veríssimo (1997) mostrou o capitão Rodrigo, como um homem que apesar da coragem e impetuoso, tem o gosto pelo carteado, pela bebida e, principalmente, por outras mulheres. Josué Guimarães (2002) destacou a violência do período, a dificuldade dos imigrantes e apresenta um personagem como Daniel Abrahão, indeciso, covarde, que queria preservar sua vida, não enfrentado as situações e acabou alheio a tudo e obcecado pela religião.

*A Prole do Corvo*, de Luiz Antônio de Assis Brasil, (1985) privilegia pessoas comuns como protagonistas: o fraco José Henrique de Paiva, totalmente despreparado para a guerra. Além disso, a análise contempla o processo de degradação do homem na guerra, bem como a desintegração das relações familiares causada pela guerra. Assim, a narrativa da literatura mostra, em seus textos, uma representação do passado, diferente da historiografia, aumentando a potencialidade explicativa sobre a Revolução Farroupilha e mostrando outras abordagens do passado à historiografia.

A historiografia gaúcha do último quartel do século XX começa a narrar a Revolução Farroupilha sem o cunho apologético, sem mostrar os farrapos como exemplo de heróis dos rio-grandenses. O personagem “Bento Gonçalves” recebe o predicado de ladrão (GOLIN, 1983) mostrando outro olhar sobre o movimento e as lideranças farroupilhas.

O campo de sintaxe das palavras entre as gerações historiográficas se altera, modificando a narrativa sobre o que é a “Revolução Farroupilha”. Esta historiografia, que se inicia na década de 1970, mostra as divisões políticas entres os farrapos (FLORES, 1996), o massacre dos negros em Porongos (BAKOS, 1985) (MAESTRI, 2005), a importância da

Banda Oriental e do charque (LEITMAN, 1979). Mostra, também, à intriga de que o conflito não dependia dos brios dos seus líderes, mas da conjuntura da construção dos Estados nacionais (PICCOLO, 1985). Mostra os líderes farrapos como caudilhos e que não aceitam interferência política na região da campanha (GUAZZELLI, 1997).

Em contraste com essa mudança na historiografia é a mudança na literatura. É a literatura que no fim do século XX reinicia a exaltar as qualidades dos farroupilhas e suas façanhas. Alcy Cheuiche (1985) volta ao cunho glorificador dos farrapos sugerindo que a Revolução Farroupilha até hoje não terminou, tendo hoje que continuarmos a viver com seus ideais. Tabajara Ruas (2003) narra a história dos farroupilhas dando um sentido épico aos líderes do movimento e as grandes batalhas. Letícia Wierzchowski, (2002) narra a vida das mulheres da família Gonçalves da Silva. Este romance tem a novidade de o enredo se centrar no cotidiano de mulheres, entretanto não deixa de tornar heroica a Revolução Farroupilha através das lembranças da personagem Manuela.

As narrativas sobre a Revolução Farroupilha, ao longo dos anos, foram se alterando e modificando a representação da “Revolução Farroupilha”. O que *foi* A Guerra dos Farrapos sempre está à espera de uma nova gramática de sua configuração, em uma narrativa, seja literária ou historiográfica. Assim, a história das narrativas sobre a Revolução Farroupilha, proposta neste projeto, tenta seguir os rastros dessas narrativas que acabam constituindo o fenômeno histórico que narram.

### **Referências bibliográficas.**

- ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra civil no Rio Grande do Sul*; memória acompanhada de documentos lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Porto Alegre: Corag, 1986.
- ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: ERUS, 1981.
- BAKOS, Margaret. A escravidão negra e os farroupilhas. DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha: história & interpretação*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- BARCELLOS, Ramiro Fortes de. *A revolução de 1835 no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Codec, 1987.

- BRASIL, Luiz Antônio de Assis. *A prole do Corvo*: romance. Porto Alegre: Movimento, 1985.
- CALDRE e FIÃO, José Antonio do Vale. *A divina Pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992. \_\_\_\_\_. *O Corsário*: romance rio-grandense. Porto Alegre: Movimento, 1979.
- CEZAR, Temístocles. Sob o firmamento da história: O “mito” do texto como representação objetiva do passado. In: Félix, Loiva; ELMIR, Cláudio (orgs.). *Construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra (Org.). *História cultural*: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.
- CHEUICHE, Alcy. *A Guerra dos Farrapos*: romance. Porto Alegre: Habitasul, 1984.
- DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- FERREIRA FILHO, Arthur. O Decênio heróico. In: *História geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1965.
- FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*: as idéias políticas da Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De Rio-Grandense a gaúcho – O trinfo do avesso*: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877). Porto Alegre: Ed. Associados, 2009.
- GUTEFREIND, Ieda. *Historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.
- GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves*: o herói ladrão. Santa Maria: Lgr, 1983.
- GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província*: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845). Tese (doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1997.
- GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo II*: Tempo de guerra. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- HARTOG, François. Disputas a respeito da narrativa. In: *Evidência da história*: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- LEITMAN, Spencer. *Raízes Sócio-Econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



MAESTRI, Mário. O sentido social da Guerra Farroupilha. In: *Uma história social do Rio grande do Sul: da pré-história aos dias atuais: Império*. Passo Fundo: Ed. Da Universidade de Passo Fundo, 2005.

PESAVENTO, SANDRA Jatahy. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PICCOLO, Helga. A guerra dos farrapos e a construção do Estado nacional. In: DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha: história & interpretação*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papyrus, 1995. 3 Vol.

RUAS, Tabajara. *Os varões assinalados*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

VERISSIMO, Erico. Um certo capitão Rodrigo. In: *O tempo e o Vento: continente I*. São Paulo: Globo, 1997.

WIERZCHOWSKI, Letícia. *A casa das sete mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 2002.